

1 complemento), como os exemplos em 1, ou intransitivos (quando não
 2 exigem complemento), como os exemplos em 2. Como se sabe, os ver-
 3 bos transitivos são classificados em direto (1a), indireto (1b) e direto e
 4 indireto (1c).

José	a) viu	<u>Maria</u>	
	VTD	OD	
	b) gosta		<u>de Maria.</u>
	VTI		OI
	c) trouxe	<u>flores</u>	<u>para Maria.</u>
	VTDI	OD	OI
	d) saiu		
VI			

5 Como se pode perceber, os verbos transitivos diretos distinguem-se
 6 dos indiretos pela presença ou não da preposição (tal como mostram
 7 os exemplos em 1a e 1b, respectivamente). Há verbos que exigem simul-
 8 taneamente complementos com ou sem preposição (como em 1c), sendo,
 9 portanto, qualificados como bitransitivos.

10 Celso Cunha e Luís Felipe Lindley Cintra (2008) acrescentam que
 11 a transitividade de um verbo deve ser determinada a partir de um contex-
 12 to. Assim é possível que um mesmo verbo apresente diferentes transitivi-
 13 dades:

- 14 1- a. Os jovens **reclamam** muito. (VI)
 15 b. O jovem **reclamou** o irmão. (VTD)
 16 c- O jovem **reclamou** de seu irmão. (VTI)

17 Embora não se deixe claro nas gramáticas tradicionais, observa-se
 18 que essa distinção se baseia em propriedades sintáticas e semânticas. Sin-
 19 táticas ao considerar que os verbos transitivos diretos se distinguem dos
 20 indiretos por não virem acompanhados de preposição e semânticos por-
 21 que os verbos transitivos diferem-se dos intransitivos porque precisam de
 22 complementos.

23 Na visão descritiva, a transitividade verbal refere-se à propriedade
 24 do verbo. Mário Alberto Perini (1995) a entende como uma questão de
 25 regência visto que o verbo determina\rege a ausência ou a presença de
 26 um constituinte que complemente seu sentido. Para ele, a classificação
 27 dos verbos deve considerar uma matriz de traços formais baseada na
 28 aceitação, recusa e aceitação livre dos complementos: A descrição das

1 transitividades deve ser feita em termos de *exigência, recusa e aceitação*
2 *livre* de cada uma das funções relevantes. (PERINI, 1995, p. 164)

3 Vale ressaltar que as funções relevantes a que o autor se refere são
4 objeto direto, adjunto circunstancial, complemento do predicado e predi-
5 cativo (do objeto).

6 Mesmo reconhecendo que a transitividade possua relativa propri-
7 edade semântica, Mário Alberto Perini defende que a mesma é estrita-
8 mente sintática:

9 A concepção de transitividade aqui adotada é puramente sintática (...). No
10 entanto, isso não significa que a transitividade de um verbo não possua corre-
11 lato algum; pode-se argumentar que, se *comer* admite objeto direto, isso é de-
12 rivado do fato de que exprime uma ação que envolve um paciente (“uma coisa
13 comida”). (PERINI, 1995, p. 168 e 169)

14 Ao defender o caráter sintático da transitividade, o autor se opõe à
15 visão tradicional de que esta ocorre conforme o contexto justificando que
16 determinados verbos podem apresentar-se como transitivo direto, transi-
17 tivo indireto ou até mesmo como intransitivo (conforme exemplos ilus-
18 trados em 3) por haver esvaziamento da noção de transitividade.

19 Orientando-se pela gramática funcional, Paul J. Hopper e Sandra
20 A. Thompson (1980 *apud* CUNHA *et alii*, 2003) defendem que a senten-
21 ça em sua totalidade é transitiva. A transitividade se associa a uma no-
22 ção contínua, escalar, representada por um complexo de dez parâmetros
23 sintático-semânticos independentes. Esses parâmetros ordenam a oração
24 numa escala de transitividade, a qual pode ser alta ou baixa (HOPPER &
25 THOMPSON, 1980 *apud* CUNHA *et alii*, 2003). O quadro abaixo ilustra
26 tais parâmetros da transitividade:

PARÂMETROS	TRANSITIVIDADE ALTA	TRANSITIVIDADE BAIXA
1. Participantes	dois ou mais	apenas um
2. Cinese	ação	não-ação
3. Aspecto do verbo	perfeito	não-perfeito
4. Pontualidade do verbo	punctual	não-punctual
5. Intencionalidade do sujeito	intencional	Não-intencional
6. Polaridade da oração	afirmativa	negativa
7. Modalidade da oração	modo realis	modo realis
8. Agentividade do sujeito	agentivo	não -gentivo
9. Afetamento do objeto	afetado	não- afetado
10. Individuação do objeto	individuado	não-individuado

27 **Quadro 01 - Parâmetros de transitividade** (Cunha et alii: 2003, p.37).

1 Conforme se vê no quadro acima, se a oração apresentar dois par-
2 ticipantes, a transitividade é alta; se possuir um participante, a transiti-
3 vidade é considerada baixa. Quanto à cinese, se o verbo for de ação (cinéti-
4 ca), a transitividade é alta; se o verbo for de não-ação (não cinética) a
5 transitividade é baixa. Quanto ao aspecto, se o verbo for perfectivo (téli-
6 cos), a transitividade é alta; se for não-perfectivo (atético), a transitivity-
7 dade é baixa. Em se tratando da pontualidade, os verbos punctuais são de
8 transitividade alta, e os não-punctuais são de transitividade baixa. No que
9 diz respeito à intencionalidade, transitividade é considerada alta quando
10 há uma intenção do sujeito e baixa quando não há uma intenção do sujei-
11 to. Ressalta-se que a pontualidade refere-se ao inesperado de uma ação
12 ou à ausência de uma fase transicional clara entre início e completude. A
13 polaridade afirmativa implica na transitividade alta; e a negativa, transi-
14 tividade baixa. Quanto à modalidade, quando o modo é realis, tem-se al-
15 ta transitividade; quando não-realis, tem-se baixa transitividade. A agen-
16 tividade indica alta transitividade quando os sujeitos de verbos transitivos
17 são agentivos e apresenta baixa transitividade quando os sujeitos desses
18 verbos são não-agentivos. Quanto ao afetamento, quando o objeto é afe-
19 tado pela ação do verbo, decorrente de uma perfectividade semântica do
20 verbo, a transitividade é alta; se objeto for não-afetado, a transitividade é
21 baixa. Em se tratando de individuação do objeto, o objeto individuado,
22 isto é, quando o argumento referencial é definido, indica alta transiti-
23 vidade, e o objeto não-individado, pois os objetos indefinidos, associados
24 a estruturas intransitivas, indicam, baixa transitividade.

25 Cunha *et alii* ainda esclarecem que para o funcionalismo norte-
26 americano, a transitividade está associada à função discursivo-comunica-
27 tiva:

28 Hopper e Thompsom associam a transitividade a uma função discursivo-
29 comunicativa: o maior ou menor grau de uma sentença reflete a maneira como
30 o falante estrutura o seu discurso para atingir seus propósitos comunicativos.
31 A universalidade do complexo da transitividade parece residir no fato de que
32 os parâmetros que o compõem estão relacionados ao evento causal prototípi-
33 co, que é definido como um evento em que um agente animado intencional-
34 mente causa uma mudança física e perceptível de estado ou locação em um
35 objeto. (CUNHA & CINTRA, 2003, p. 38)

36 Os autores chamam atenção que existe uma correlação de traços
37 que caracterizam o evento causal prototípico e os parâmetros que identi-
38 ficam a oração transitiva canônica. A transitividade da oração está asso-
39 ciada a uma função pragmática. Assim, o falante organiza seu texto le-
40 vando em conta tanto seus objetivos comunicativos, como as necessida-

1 des do seu interlocutor. Dessa forma, o texto apresenta uma distinção
2 entre o que é central e o que é periférico. Essa divisão corresponde, res-
3 pectivamente, a distinção entre figura (parte do texto narrativo que apre-
4 senta a sequência temporal dos eventos concluídos, pontuais, afirmativos,
5 reais, sob a responsabilidade de um agente que compõe a comunicação
6 central) e fundo (descrição de ações e eventos (concomitantes à cadeia da
7 figura), dos estados, da localização dos participantes da narrativa e dos
8 comentários avaliativos).

9 Na perspectiva dessa proposta, o grau de transitividade de uma
10 oração está atrelado a sua função discursiva característica: sendo, portan-
11 to, as orações com alta transitividade marcadas por porções centrais do
12 texto correspondentes à figura, e as orações com baixa transitividade por
13 porções periféricas, correspondentes ao fundo.

14 Uma vez reconhecendo a consistência dessa proposta para melhor
15 compreender como se processa o fenômeno da transitividade na língua,
16 nesse trabalho, propõe-se analisar o grau da transitividade de verbos de
17 sentimento à luz do funcionalismo norte-americano. Para tanto, serão uti-
18 lizadas orações extraídas de charges, visto que no sentido dessa teoria, a
19 transitividade é a propriedade da oração.

21 3. *Tratamento funcionalista da transitividade de verbos psicológicos*

22 Esse estudo objetiva analisar a transitividade de orações constituí-
23 das de verbos psicológicos extraídos de quatro charges obtidas via onli-
24 ne, das quais foram destacadas apenas quatro orações para análise.

25 Vale ressaltar que *charge* é um termo francês (*charger*) *que signi-*
26 *fica carga*. Trata-se de uma ilustração humorística que envolve a carica-
27 tura de um ou mais personagens, feita com o objetivo de satirizar algum
28 acontecimento da atualidade. Por retratar fatos do cotidiano, a charge tem
29 um caráter temporal. Geralmente, utilizada para fazer críticas de natureza
30 política, costuma ser publicada em jornais ou revistas. Para interpretar o
31 significado de uma charge, é necessário estar a par dos acontecimentos
32 políticos nacionais e, também, internacionais. A charge caracteriza-se
33 uma excelente ferramenta para as aulas de língua portuguesa, visto que
34 além de promover aulas mais prazerosas para o aluno, também lhe opor-
35 tunizará aguçar seu potencial de leitor crítico, visto que sua compreensão
36 aciona além da linguagem, a história e ideologias. Assim sendo, nesse
37 artigo, toma-se a charge como fonte de material objetivando analisar a

1 transitividade das orações presentes nas mesmas, conforme a proposta do
2 Funcionalismo norte-americano, o qual entende a transitividade como
3 propriedade da oração.

4 A oração, segundo Thompson e Couper-Kuhlirn (2005 *apud* CU-
5 NHA & CINTRA, 2007) é:

6 o *locus* da interação, no sentido de que é um dos formatos gramaticais mais
7 frequentes pelo qual os falantes se orientam para projetar as ações realizadas
8 pelos enunciados dos seus interlocutores e para agir sobre essas projeções. (...)
9 as orações são formatos interacionalmente para a ação social. (CUNHA &
10 CINTRA, 2007)

11 No modelo funcionalista, visa-se buscar explicações para o pro-
12 cesso de constituição da oração, focalizando a organização desse formato
13 linguístico a partir do uso efetivo da língua em situação de comunicação
14 verbal. No sentido de Givón (2001 *apud* CUNHA & CINTRA, 2007) “o
15 verbo é o coração semântico da oração”, pois é através deste que se defi-
16 ne o tipo de situação e os papéis de seus participantes. Nesse artigo, pre-
17 tende-se analisar a transitividade de orações constituídas, estritamente,
18 por verbos psicológicos classificados como de sentimentos, segundo José
19 Carlos de Azeredo (2000). Ou seja, verbos que expressam emoção, afeti-
20 vidade, etc., tais como: *amar, gostar, apaixonar, sentir, estimar, odiar,*
21 *apaixonar-se*, dentre outros. Numa visão funcionalista, orações estrutu-
22 radas com esse tipo de verbo revestem- se de um baixo grau de transiti-
23 vidade em decorrência da ausência de ação e intencionalidade e também
24 da natureza do objeto.

25 Enfim, a presente análise se baseará nas charges seguintes, cujas
26 orações a serem analisadas serão destacadas abaixo de cada uma delas:



27 Charge 01:

28 a. Eu odeio estes pneus. b. Eu adoro esses pneus.

1 Segundo a classificação da gramática tradicional, todas as duas
2 sentenças são transitivas, apresentam um complemento verbal. Entretanto,
3 na perspectiva do funcionalismo, estas sentenças apresentam graus de
4 transitividade diferenciados, isto porque nesse modelo de análise, todos
5 os elementos sintáticos devem ser considerados (sujeito, verbo e comple-
6 mentos), pois cada um apresenta peculiaridades que determinam a
7 constituição da transitividade. Nesse sentido, pode-se dizer que as ora-
8 ções em 4 não apresentam uma alta escala de transitividade, visto que
9 não contemplam todos os traços do complexo. Em (4a) há dois partici-
10 pantes (*Eu e estes pneus*); um verbo acinético (*odeio*), por não apresentar
11 ação; não-perfectivo, por não apresentar uma ideia acabada e, não-
12 pontual, já que não apresenta um fato concluído; um sujeito não-
13 intencional (*Eu*); polaridade afirmativa, pois a oração é afirmativa; mo-
14 dalidade *realis*, visto que o verbo corresponde a um evento real, ou seja,
15 está expresso no modo indicativo; um sujeito não-agentivo (*Eu*); um ob-
16 jeto não-afetado e não individuado (*estes pneus*), pois se trata de um ob-
17 jeto inanimado, singular.

18 A oração em 4b, assim como a oração em 4a, apresenta apenas
19 três traços positivos: dois participantes (*Eu e esses pneus*), polaridade
20 afirmativa, modalidade *realis*. Vale, também, elencar os traços negativos
21 apresentados nessa oração: verbo acinético, não- perfectivo e não-pontual
22 (*amo*), sujeito não-intencional (*Eu*) e objeto não-individuado (*esses*
23 *pneus*); sujeito não-agentivo (*Eu*), objeto não-afetado (*esses pneus*). Ob-
24 serva-se, portanto que ambas orações (4a e 4b) apresentam uma escala
25 baixa de transitividade.



26
27

Charge 02:

Eu gostei dos seus planos de governo!

1 Classificada como transitiva indireta pela gramática tradicional, a
2 oração em (5) apresenta dois participantes (*Eu e seu plano de governo*);
3 um verbo acinético, perfectivo, pois apresenta uma ideia concluída, e,
4 pontual (*gostei*); um sujeito-não intencional (*Eu*) - contudo, considerando
5 que a proposta funcionalista prima por ponderar o contexto, esse sujeito
6 poderia ser classificado como intencional, visto que o personagem é for-
7 çado a dizer que gostou de algo, ou seja, há uma intenção por traz de sua
8 afirmação; oração afirmativa; modalidade *realis* (verbo no indicativo);
9 sujeito não-agentivo (*Eu*); objeto não-afetado e não-individuado (*seu*
10 *plano de governo*). Como visto, a referida oração apresenta quatro traços
11 positivos da transitividade.

12 Charge 3:



13
14

www.DrPepper.com.br
Me apaixonei por você

15 No exemplo (6) acima, a oração apresenta a oração apresenta três
16 participantes (*Eu (oculto), me e você*); um verbo acinético por não confi-
17 gurar uma ação e perfectivo, por apresentar uma ideia concluída, e, pon-
18 tual (*apaixonei*); sujeito-não intencional (*Eu*); oração afirmativa; modali-
19 dade *realis* (verbo no indicativo); sujeito não-agentivo (*Eu*); objeto não-
20 afetado e individuado (*por você*). Percebe-se, assim que essa oração pos-
21 sui uma escala de transitividade acima das orações em (4) e em (5), pois
22 apresenta sete traços positivos da transitividade.

23 Enfim, consoante a gramática tradicional, todas as orações aqui
24 analisadas são transitivas, uma vez que são compostas por verbos que
25 necessitam de complementos. Todavia percebe-se que, na abordagem em
26 estudo, o que se evidencia está além de uma relação entre o tipo de verbo
27 e seu complemento, isto é, evidencia-se principalmente a relação sintáti-
28 co-semântica estabelecida simultaneamente com todos os elementos da
29 sentença.

30

- 1 HOPPER, Paul J.; THOMPSON, Sandra A. Transitivity in grammar and
2 discourse. In: BRIGHT, William Oliver. (Org.). *Language: Journal of*
3 *the Linguistic Society of America*, Baltimore: Waverly Press, vol. 56. n.
4 2. p. 251-299, 1980. Disponível em: <[http://latina.phil2.uni-
6 freiburg.de/raible/Lehre/2006/Materialien/Hopper_Thompson.pdf](http://latina.phil2.uni-
5 freiburg.de/raible/Lehre/2006/Materialien/Hopper_Thompson.pdf)>.
- 6 MARTELLOTA, Mário Eduardo. A visão funcionalista da linguagem.
7 In: ___ et al. (Orgs.). *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Ja-
8 neiro: DP&A, 2003.
- 9 _____ et al. (Orgs.). *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Ja-
10 neiro: DP&A, 2003.